Númere 734 86

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

OPINIÃO

Escola e Universidade

A empresa-família de trabalho é possível

ANTONIO LUIZ GOMES

a service of the

Numa conversa de amigos, à mesa do almoço, velo à baila a origem profisional comum de três de nôs, convidados de Antônio Ruben Domingos, que provocou e nos proporcionou este eacontro.

Falamos sobretudo da nossa familia de trabalho comum.

Para o observador superficial, ela apresentava-se com a aparência dominadora, embora precairia e caduca, do poder econômico.

Era, porèm, mais: na essência, uma família de trabalho, caracterizada pela capacidade inesgotável de acolher, ouvir e

Deste modo, também, António Ruben Domingos nos congregou.

Mário Carapinha, José Maauel da Silveira Rodrigues e eu éramos os convidados.

Tivemos durante vinte anos a mesma familia de trabalho, da qual nasceu a que é hoje a dos dois primeiros e do anfitrião.

Comensal de fora, a maioria das interrogações foi-me dirigida. Senti-me interpelado, por elas, e intimado por S. Pedro — a vida é una! — «a dar testemunho da minha esperança». Del-a.

vação ë jum dom de A pr Deus, incompreensivel no imediato para a nossa impaciência mas necessária para que a Fé nos liberte de apoios inconsistentes e nos permita ver o «lado dido das coisas». O Cardent Lustiger, em entrevista ac ress», reconheceu como sua e, portanto, missão especificristãos, testemunhá-lo. As palavras que usou foram: pe, para, no fundo, cum prir o dever de nos estimularem todas as circunstâncias.

São Paulo exprimiu-o, dizendo aos Hebreus: «Exortal-vos todos es dias uns aos outros até ao dia que se chama HOJE».

A aeguir às minhas respostas, Mário Carapinha deu-me posibilidade de constatar que a razão da minha esperança tinha raiz bem antiga na nossa famiita de trabalho comum, quando me prometeu discursos proferidos em 16 de Janeiro de 1957 na eclebração dos vinte anos do alargamento à reparação e à coustrução naval, em 1 de Janeiro de 1937, da actividade da periro de 1937, da actividade da

Casa que nos acolheu respectivamente há 40, 31 e 32 anos.

Guardava-os nos seus papeis, como património que vale a pena conservar. Sem dar por isso, talvez, repetira desse modo, à sua escala, aquele guardar e mediar no coração as palavras, os silêncios e as atitudes de vida de Jesus Cristo que o Evangelno regista em Nossa Senhora e que a Sua intercessão, certamente, nos alcança e dispersa for todos os corações dos homens, Seus filhos.

Guardado-assim o centenário espírito original da familia de trabalho comum, que as actuais prolongam, nada o pode destruir e surge também como raiz da nossa esperança, numa época em que a ambas as familias actuais se lança o repto de provar duas coissas: 1.º somos

que está em nós». Para o Apóstolo é o «correr para a meta» e, se cairmos, a obrigação de nos levantarmos, de cada vez, a seguir a cada queda, para prosseguir na corrida. A queda, assim, é um simples acidente de

E... — sempre! — o imperativo da meta.

Por muito desanimados que estejamos, esta interpelação desperta no mais profundo de nos próprios um sentimento de alegria. É com efeito o convite do Amor: de Jesus Cristo, que nos alcançou primeiro, como também S. Paulo ensina.

2.ª Resistir?

Também não é possível, porque è esgotar toda a força de vida, toda a vida que há em nos. Fazê-lo, seria, por isso, morrer. Não há assim, modo de resistir.

Mas há que aceitar, isto

cada um, em formular esta interrogação essencial: «respeitei

No Pai-Nosso a interpelação iá está, na sua plenitude: «Perdoei?...» e, também: «perdoe ainda? depois de já ter perdoado?»

Creio que è esta, a profundidade a que temos de subir.

É o subir que o mar alto

Para chegar lá, a esse além onde estão as imensas profundidades a percrutar e trazer à luz da renovação, é o subbr que é o convite que o «Due in altum» dirige a Pedro, o pescador de homens, e a nós, cristãos, que também o somos.

É a familia de trabalho que, ali, é salva e servida; e, com ela, a Pátria e o hundo dos homens, isto e, a Hunanidade, familia de Pátrias.

Para esta tarefa, nos anais d

mento seguido na fase de construção de 1964 a 1967, período durante o qual, até, as pequenas oficinas metalomecânicas da vizinhança recebiam encomendas no valor mensal de mais de mil contos.

THE WALL STORY OF THE STORY OF

A promessa foi cumprida de 1967 em diante por exemplo, como o mostra, recente artigo publicado no Boletim da Ordem dos Engenheiros, de Março de 1986, da autoria do eng. João Pereira Gaio,

Por isso, è legitimo deduzir que desde que haja uma boa resposta destas pequenas officnas privadas ou de outras empresas, cooperativas por exemplo, o grande estaleiro e a grande unidade por extensão, è indirectamente eriador de empregos estaveis.

Para tanto, in põe-se apenas que estes subcontratantes garantam qualidade adequada, prazo conveniente e custo razoável.

Haverá também possibilidade de evidade auto-suficiente que, por isso, se converteria em máquina desumanizada, burocratizada e cara. E ir-se-à progressivamente, aproximando da empresa familià de trabalho e comunidade de homens onde todos se conhecem pelo nome.

dos se conhecem pelo nome.

Os problemas mais graves com que a empresa se debate, no plano interno, decorrem daquí:

Alèm de outras, as dificuldades que se encontram para os resolver têm, na raiz, uma inadequada educação nas Escolas de Engenharia dos engenheiros e dos engenheiros técnicos para a função fundamental de serem condutores de homens.

Importa, assim, trazer, à primeira linha das preocupações da Universidade e das outras Escolas de Engenharia, a recomendação de João Paulo II aos professores da Universidade de Palermo de realizar «o lento trabañao de formação das consciências» capaz de transformar a sociedade.

Muitas tentativas doram feitas na nossa geração para conseguir nas próprias unidades fabris levar a cabo esta turefa,
mas todas elas evidenciaram a
carência daquele trabalho de
base, feito na Universidade e
nas Escolas de Engenharia, na
preparação dos seus alunos para
a missão que a vida prática confiará a todos — são os mais numerosos — que terão de conduzir homens.

Estranho pudos, com efeito, impede que seja referida, sequer, a responsabilidade moral que têm; e, por isso, vermo-los desarmados perante os pro-blemas simples de ser exemplo e padrão de componamento mo-

3 1 5

6

7

8

9

.10

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27 28

Domina a ideia de que é suficiente o cumprimento das regras de regulamento que consistem na assiduidade e na execução com a qualidade adequada, no prazo devido e com o custo rarodvel

Há muito mais, porem. Este mais só se alcança pelo bom exemplo. À Escola compete ensinar a dá-lo e a sê-lo.

A experiência de muitas tentativas práticas levadas a cabo entre nos nos 30 anos de tempo de vida da minha geração, sem esta base de preparação escolar, mostra que sem ela falham.

E falham, porque partem do principio errado de que todo o trabalho de-educação actua miraculosamente. Não é assim.

Exercício de vontade, a educação exige uma vigilância constante sobre nos próprios, capacidade de reconhecer as próprias faltas e perseverança em as corrigir.

Esta atitude vigilante perde-se facilmente quando se pretende abranger uma larga massa, de desigual nivel de preparação, num movimento comum.

Não è possível fazer entender, na maior parte das vezes, que o ponto de encontro não è dado. Tem de ser penosamente conquistado.

Na realidade, ele ultrapassa os aspectos imediatos que atraem, poque è transcendente. E aquilo que atrai è o poder e a igualdade com os que o detem na forma precària e visivel. Sem aquela vigilància, tudo è

Sem aquela vigilância, tudo è catique porque, em geral — mostra-o, a parábola do semeador —, por faita de preparação profunda, a terra em que á semente cai não lhe permite sequer viver.

Mas, para preparar, é preciso conhecer.

Urge, pois, seguir a recomendação de Jodo Paulo II, que tinha certamente presente a sua experiência de trabalhador da indústria, aos professores da Universidade de Palermo; e, em colaboração com a Indústria, facultar bons estágios oficinais, durante os cursos escolares, aos alunos dos vários cursos de Engenharia, para tornar as empresas familias de trabalho.



construtores e 2.º somos com-

plementares.

Quando somos confrontados
pela dúvida, que consisté em
acentuar os sinais de ruina dos
edificios de que fomos constru-

defificios de que fomos construtores, somos levados a atitudes de defesa e de abdicação. Calamo-nos, umas vezes, protelamos a resposta, outras, e a tentação de desistir cresce e promete esmagar. Diante de nos, um dilo-

na: fugir ou resistir.
Interrogamo-nos: Fugir? Para
nde? Resistir? Como?

1.º Fugir?

1.º Fugir?
Na realidade, não há lugar
para onde fugir, porque fomos
feitos para alcancar a meta.

É S. Paulo quem no-lo diz e aponta, de muitas e sugestivas maneiras, esta imprescritivel obrigação de «orientar o ser

acoiher a bondade da provação e ver as raizes que a justificam, a necessidade de purificação que exprimem.

Tudo, palavras de profundidade imensa.

Teremos pois que procurar, como quem procura o metal precioso nas funduras da mina que penetra a terra, até ao velo, que, cada vez mais fundo, se esconde e se nos furta.

E há aqui a luz que a resposta do mineiro belga ao Rei-Soldado Alberto I dá. Pergunta-lhe, o Rei «como é que posso ajudar?» O mineiro responde: «Senhor, que nos respei-

Na verdade, subjacente a tudo aquilo que nos impele a ver, sobretudo, a nossa fraqueza em confronto com as tarefas a realizar, temos de não hesitar, processo de desenvolvimento que teve origem na familia de trabalho que nos acolhes como berço para vida prática, encontramos, anunciado há trinta anos, o seu hoje centenário espírito. Foi definido como a «ambleça» legitima de crescer e de se forsialecer».

As obras realizadas e o espírito perdurável, que, a cada passo, vemos e que, em cada encontro se manifesta, ai estão!

Radica-se neste espirito, a afirmação feita em 23 de Junho de 1967 na inauguração do Estaleiro da Margueira: «um estaleiro naval é um multiplicador industrial do meio em que se lessaba».

Era uma promessa para o fu-

Garantia-a, porèm, o procedi-

universidade - 6 pinia

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ